

Editorial

Retrospectivamente, podemos afirmar que o primeiro número da revista *Língua-lugar: Literatura, História, Estudos Culturais* seria o mais fácil de concretizar. Já o segundo número seria o teste à continuidade deste projeto, desta parceria que junta investigadores das universidades helvéticas de Genebra e Zurique. Passámos o teste. E passámo-lo desenhando um segundo número que apresenta uma grande coerência, e que coloca os encontros, as viagens e as deslocações no seu centro.

O dossiê, intitulado *Alteridades e Identidades* e coordenado por Nazaré Torrão, parte de dois ciclos de conferências organizados pela Unité de Portugais da Université de Genève. Trata-se de um dossiê muito feliz, que pelos diferentes contributos reunidos permite abordar a questão da alteridade através de diferentes desdobramentos da noção de identidade – identidade nacional, linguística, ontológica – através dos prismas da sociologia e da antropologia, da linguística e dos estudos literários.

O texto de abertura, da autoria de Pedro Góis, aborda a importância que os movimentos migratórios assumiram no Portugal das últimas décadas, convidando a leitora e o leitor a repensar a perceção do “nós”, noção bem mais diversa do que se poderia supor. O texto matiza a separação entre os ciclos de emigração e de imigração em Portugal, tendo na verdade o país assistido a múltiplos ciclos, por vezes simultâneos.

Abdelilah Suisse debruça-se sobre os legados do árabe na língua portuguesa. Através da análise de vocábulos portugueses de origem árabe, o autor mostra como o cruzamento de línguas contém um cruzamento de

técnicas, saberes, objetos, que se espalha no tempo e não se limita ao período da presença muçulmana na Península Ibérica, chegando a incorporações do período da expansão ultramarina.

Já o ensaio de Claudio Hunger lembra-nos a possível violência do encontro. Propõe uma leitura de Davi Kopenawa Yanomami, líder dos yanomami, população indígena da América do Sul, nas últimas décadas assediada por projetos da modernidade (rodovia, exploração mineira), a partir do pensamento de Bruno Latour em torno do valor dos objetos e da noção de híbridos.

Ao nível das abordagens literárias, o desafiante ensaio de Eduardo Jorge de Oliveira explora a animalidade na literatura brasileira a partir de duas obras dos anos 1960, respetivamente de Clarice Lispector e de João Guimarães Rosa. A centralidade de animais não-humanos nas narrativas baralha escalas, perceções e tempos, provocando a desaceleração do “ritmo humano”. A animalidade surge assim como forma de concretizar uma “alteridade radical” que inclui até, no caso de Guimarães Rosa, a animalização da língua.

O artigo de Fátima Outeirinho sobre literatura de viagens portuguesa contemporânea interroga a forma como autores portugueses contemporâneos procuram questionar uma perspetiva etnocêntrica nos seus relatos de viagens a espaços do antigo império português. Através da exploração de temas como o confronto com os outros e o questionamento da memória colonial, a autora vê a literatura de viagens como um “objeto textual rico para o estudo de questões identitárias e do discurso sobre alteridade”.

Para este segundo número, após Lídia Jorge, a *Língua-lugar* entrevistou a jovem escritora Djaimilia Pereira de Almeida. Nesta entrevista, a partir da discussão das suas obras, a autora fala sobre as inquietações presentes no ofício de escritora e os desafios que o ato de escrever e produzir texto colocam, bem como dos diálogos que a sua escrita estabelece – em diferentes graus – com outras formas de expressão, como a fotografia e a poesia.

A secção *Fora do Lugar* inclui duas contribuições. A primeira é uma interessante proposta do artista cabo-verdiano Irineu Destourelles que, como o nome indica, consiste em “Citações do Antigo Presidente do Conselho de Ministros Traduzidas para Um Crioulo Pessoal, 2020”. O ensaio visual revisita citações de Oliveira Salazar vertidas para o crioulo cabo-verdiano

“diasporizado” de Destourelles, sobrepostas a fotografias tiradas no interior ou em redor de uma casa de um antigo professor primário na ilha cabo-verdiana de Santo Antão. O leitor e a leitora poderão ir descobrindo este ensaio visual disperso ao longo da revista.

A poeta Prisca Agustoni, nascida na Suíça e a residir no Brasil, inaugura a presença da criação literária na rubrica *Fora do Lugar* com os seus “Sete exercícios de escrita a partir do vazio”, uma série de sete poemas-ensaio inspirados na obra da artista plástica brasileira também nascida na Suíça Mira Schendel. Este segundo número prossegue assim o intuito de deslocar a língua portuguesa.

A rubrica *Lugar de Memória* é dedicada a Jorge de Sena, pela pena de Kenneth David Jackson. O texto evoca Sena e em particular o seu exílio no/pelo continente americano (Brasil e Estados Unidos da América), exílio reconvertido em “grande peregrinação poética”, feito não só de viagens físicas, mas também interiores, percorrendo as suas obras diferentes formas de expressão, temas e culturas. Jackson escreve sobre o escritor, o poeta, mas também sobre uma pessoa portadora de uma “visão humanística e universalista”.

Finalmente, a secção *Varia* é constituída por um texto de Gabriel Ferreira e Leonardo Davino em torno da obra do poeta brasileiro Waly Salomão, não apenas enquanto poeta, mas também enquanto letrista. Pelo seu ecletismo e a sua subtração a etiquetas, os autores definem-no como “poeta baiano, árabe, tropicalista, moderno, barroco”.

Este número, cujo dossiê se constrói sob a égide da alteridade, convoca o esbatimento de fronteiras e de linhas. Entre disciplinas, linguagens e média, entre geografias, contextos culturais e normas linguísticas. Responde muito bem ao repto que a comissão editorial desde o início lançou a si mesma, a busca da pluralidade. Consegue ainda avançar no propósito de deslocar a língua portuguesa e as formas de expressão lusófonas, já que congrega diferentes intervenientes de diferentes espaços e contextos da lusofonia. A deslocação e o encontro constituem o cerne deste segundo número da *Língua-lugar*, mas não de uma forma ingénua ou romântica. O encontro e o contacto podem ser feitos de discriminação, violência e repressão (como mostra a situação dos yanomami). No entanto, a reapropriação e a subversão surgem como ferramentas e formas de desconstrução, interpelação e resistência ao dispor de atores políticos, sociais e poéticos, tal como fica claro no artigo sobre Waly Salomão ou no ensaio visual de Destourelles.

Fechamos assim o ano de 2020. Um ano de tanta disrupção, mas que viu nascer a *Língua-lugar*, bem como, no seu último mês, a Cátedra Lídia Jorge. A Cátedra Lídia Jorge substitui o Centre d'Études Lusophones da Université de Genève, no âmbito de um novo protocolo entre a Universidade e o Camões, I.P. Começamos, por isso, 2021 com grande expectativa.

A todas as leitoras e a todos os leitores da *Língua-lugar*, deixo votos de boas leituras e de um ano tranquilo.

Pedro Cerdeira

DOI <https://doi.org/10.34913/journals/lingualugar.2020.e414>